

## Cinatti, improvável “*maître à penser*”: “*ecce homo*”...

### *Cinatti, improbable “maître à penser”: “ecce homo”...*

Vera Borges

Universidade de São José, Macau

vera.borges@usj.edu.mo

**Resumo:** Cinatti consubstancia em si o ideal do poeta profeta, portador de uma revelação, na tradição dos primeiros românticos, extremada na versão rimbaudiana, remontando as suas raízes à Grécia. Visionária e libertária, modelar no rigor científico, íntegra na abordagem confessional, a multifacetada e no entanto profundamente consequente obra de Cinatti começa hoje a merecer uma mais generalizada admiração, como a de que era alvo por um pequeno círculo de entendidos e cúmplices na aventura poética, que se tinham iniciado com ele, como ele, nos idos dos anos 40 do século passado. A sua obra, sempre lúcida e exigente, é consistente até na manifestação do desnorte. Em virtude da assunção plena de hesitações, contradições e incapacidades, do seu desassombro e versatilidade, Cinatti revela-se um improvável e desafiante *maître à penser* para o nosso tempo. Podemos ver também nele uma encarnação eloquente do “*Ecce Homo*”, o Homem das Dores, à escala da humanidade cinattiana: torturado, ciente desde muito cedo do seu pendor ou fundo lodoso, simultaneamente iniludível (em termos humanos), mas resgatável (pela graça divina).

**Palavras-chave:** Ruy Cinatti; Poesia Portuguesa; Modernidade.

**Abstract:** A visionary and a libertarian, Cinatti embodies the ideal of the prophet poet, bearer of a revelation in the tradition of the early Romantic, driven to its extreme by Rimbaud. He is remarkable for scientific rigor, and for the integrity of his confessional approach. Nowadays, Cinatti’s work, versatile yet deeply consistent, is praised, as it happened in a small

circle of friends and admirers, his accomplices in the poetic adventure which they had started last century, on the 40s. Always lucid and demanding, he manages to keep consistent even when on the verge of insanity. Due to the full assumption of hesitations, contradictions and disabilities, and also due to his boldness and versatility, Cinatti proves to be an unlikely and challenging *maître à penser* for our time. He can also be viewed as an eloquent incarnation of “*Ecce Homo*”, the Man of Sorrows, at the scale of cinattian humanity: tortured, aware since very early on of his muddy penchant or foundation, unavoidable (in human terms), yet redeemable (by divine grace).

**Keywords:** Ruy Cinatti; Portuguese poetry; Modernity.

Recebido em 18 de novembro de 2015

Aprovado em 10 de janeiro de 2016

“Para quê poetas em tempo de indigência?”

Hölderlin

“Raios partam tudo!”

“Ci-gît

Quem nunca soube.”

Cinatti, sobre Pound

Neste momento é pacífico reconhecer em Cinatti um dos mais interessantes poetas portugueses do séc. XX, até pelos caminhos que o lirismo em português tem explorado desde então. Manuel de Freitas destaca a sua proposta de “um tipo de economia poética que só encontrará herdeiros tardios – e nem sempre conscientes desse facto – no século XXI”.<sup>1</sup> É um caso singular no panorama literário português, pelo cruzamento de muitos factores: a sua vinculação a uma matriz cultural anglo-saxónica, a sua imensíssima e diversificada cultura, o exercício de variadas profissões ligadas a específicas exigências científicas, a vivência de um catolicismo atuante e militante, o gosto pela viagem, pela aventura e pela existência nómada, efetivamente materializado na experiência de

<sup>1</sup> FREITAS. Posfácio a 75 *Poemas*, p. 114.

espaços além-mares... A somar a tudo isto, um desassombro raro, que lhe terá custado caro em termos profissionais, e um pendor para se manifestar “poeticamente”, digamos assim, na chamada esfera da vida real, quando a razão e a prudente e avisada conformação com as convenções sociais recomendariam sobriedade e contenção.

Como todos os grandes poetas, era um profundo conhecedor de diversificadas tradições literárias e, simultaneamente, da dicção poética mais inovadora e revolucionária do seu tempo. Tudo nele contraria a noção da poesia como (mero) exercício de retórica. Um poema como “Proclamação” tem na pena de Cinatti o valor de um credo e de uma súpula existencial:

Chuva:

A natureza não desce  
A contratos. Nem a vida  
Se mede pela razão.  
A vida é toda mistério.

Quem largamente se deu  
Não ofendeu a justiça  
Mas viveu do coração

Na peculiaridade de certos comportamentos, Cinatti está bem acompanhado por grandes poetas como Teixeira de Pascoaes e Sophia de Mello Breyner, por exemplo, o que se explica pela sua pertença à estirpe dos que realmente vivem a poesia como visitaçãõ.

Por razões de personalidade, de natureza e de circunstâncias de vida, Cinatti foi mais longe, isto é, ficou mais exposto no que toca a comportamentos considerados erráticos pelo vulgo. Em grande medida terá sido a sua fidelidade à causa de que se autoproclamou paladino, Timor, que fez periclitar o equilíbrio já de si frágil de uma personalidade de que Peter Stilwell assinala desde cedo a instabilidade, a oscilação frequente entre estados de espírito extremos.<sup>2</sup>

A obra de Cinatti constitui a vários níveis um desafio. O modo como sublinha a implicação vital da sua poesia, a sábia (porque feita de conhecimento e jogo, muitas vezes irónico, com a tradição de várias literaturas) mistura de referências biográficas, *personas* literárias

---

<sup>2</sup> STILWELL. *A condição humana em Ruy Cinatti*.

(também) volvidas símiles pessoais, e de uma forma particularmente insistente e dramática, a implicação vital e poética que o espaço de Timor tem para ele, confundem algumas asserções da mais entronizada teorização e crítica literária.

Desde muito cedo aparece envolvido, com alguma responsabilidade, em projetos de natureza literária. Como os revolucionários *Cadernos de Poesia*, com as suas incursões num “lirismo voluntariamente agreste”, inventado “com muito eliotiana e pouco lusitana sensibilidade”,<sup>3</sup> a lembrar, num terreno dicotomicamente extremado, que “a poesia é só uma”, de acordo com a declaração de princípios que assina com Tomás Kim e José Blanc de Portugal, de facto por ele redigida, dada a capacidade sintética que os primeiros lhe reconhecem; ou como a revista *Aventura* (1942-1944), reunindo nesta a vocação poética e a orientação católica. Para esta, de que é diretor, reclama o magistério de Jacques Maritain, Péguy e T. S Eliot. A sua definição de “católico poeta”, que expressamente se diferencia da de poeta católico, explicará porventura em grande medida o seu pendor para a intervenção, o compromisso ético e estético (como vertentes indissociáveis), que marcará a sua produção literária, a sua vida profissional, a sua convivialidade (traduzida em parte, e sem contradição, nos tentames evangelizadores de períodos mais ou menos catequéticos, e na participação em rituais animistas em Timor).

O que poderia ter sido apenas uma apetência juvenil e literária por navegações solitárias e aventuras em remotas ilhas no Pacífico acabou por lhe ser confirmado como vocação e oferecido pela vida, primeiro na emoção fundadora dum cruzeiro a algumas das então “províncias ultramarinas”, aos 20 anos, sob os auspícios do Estado Novo, depois, no périplo profissional por variados pontos do Império colonial português. Este proporcionou-lhe os horizontes recuados que a sua imaginação e sede de aventura reclamavam, nos moldes das iluminadas errâncias poéticas de um Rimbaud ou Alain Fournier, ou da aventurosa e factual singradura de um Alain Gerbault, bem como o encontro fraterno com o Outro, a exigir o melhor de si, muito antes das sistematizações e valorações dos estudos pós-coloniais. Cinatti sonhou-se permanente “nómada em escala de partida”, numa deriva incerta, por força das humanas vicissitudes, sempre com um Norte bem definido: desde o início sabe-se aprovado a uma transcendência incarnada na

---

<sup>3</sup> LOURENÇO. *Tempo e poesia*, p. 194.

figura redentora do Cristo. A vivência do “Ultramar” vai definir-lhe o variado e notável percurso profissional. Apura-lhe o olhar e inspira-lhe o verbo, por vezes caudaloso, exigindo-lhe rigor descritivo e precisão evocativa. Elegeu Timor como o seu centro, por lhe ter sido aí ofertada uma experiência do sagrado nos moldes em que Eliade a aborda na sua obra (1965). “O problema todo está na “pursuit of happiness”. Eu persigo Timor” (numa carta a Ruben A, 2015, 9).<sup>4</sup> Funcionário colonial, Cinatti mobilizará todas as suas capacidades profissionais ao serviço da causa de Timor e dos timorenses, de quem se designa à *outrance* paladino. Ler a poesia de Cinatti de temática timorense é acompanhar as vicissitudes de uma administração colonial negligente e obtusa e o pranto, primeiro paroxístico, depois resignado, por uma perda irreparável e traição a uma verdade (pessoal) que a história ignora e descarta.

Cinatti debateu-se várias vezes ao longo da vida com a convicção de que tudo se saldaria para ele em fracasso e desilusão. Foi prematura e sucessivamente perdendo tudo o que poderia constituir amparo afectivo: a mãe aos 2 anos, “ferida” original, a instituir uma relação específica com a morte e uma ruptura em todas as paisagens, mesmo as do seu paraíso, desdobrando-as num além prometido pela saudade; depois, os avós maternos e paternos... A incompreensão irreduzível do pai cedo lhe terá feito conhecer o peso da escolha de um destino próprio, de acordo com valores, verdades e inclinações a desmerecer a bênção paterna. “Ossobó”, primícia literária, já combinava o anseio e apetência pelo horizonte sem limites com o enredamento fatal no fundo lodoso do obó, ou de si próprio. Intuída e anunciada antes, a dádiva da poesia, entendida como existência plena, realidade intensa e promessa cumprida, Cinatti teve a graça de a viver, por mérito seu, na descoberta de Timor, que foi simultaneamente vivência e escrita.

Sentido de vida, logo, matéria da escrita, foi-o também o que na sua poesia designou como o enamoramento por Cristo – “O Cristo salvador, meu amor íntimo!”<sup>5</sup> ou o “indivíduo Emmanuel” (em “Tau”).<sup>6</sup> Peter Stilwell chama a atenção para o peso, em Cinatti, da noção da graça divina, ou amor gratuito de Deus pela humanidade, plasmado no facto de a partir de certa altura ter feito da expressão “Sectantumdic Verbo”, “Mas

---

<sup>4</sup> ELIADE. *Le sacré et le profane*, p. 9.

<sup>5</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 650.

<sup>6</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 645.

dizei só a Palavra” (Mateus, 8,8) o seu “lema pessoal”.<sup>7</sup> Assim faz amiúde um percurso do “Deus criador de tamanha aventura” ao “Crucificado, ao fundo, sorridente,/ enamorado oblíquo de um ardente pobre diabo”,<sup>8</sup> como se os enamoramentos se espelhassem, num círculo consolador. O mesmo “pobre diabo” retrata-se em muitos poemas através de menções a abjecção e ao “vômito mais negro”. Resgata-o do vórtice do desalento mais fundo a retração da expressão auto-irônica habitual, que dessoleniza e aligeira o discurso, e a confiança inabalável no gratuito amor divino. A poesia dá voz às preces de que o homem Cinatti necessita, para esconjurar sombras e alucinações que o virão a perseguir nas ruas de Lisboa, nos anos depois de Timor. Como em “Ayin”:

Não deixes que o Ruy Cinatti apele para o Anjo da Morte ou que o aproxímem/ (...) Dá-lhe entendimento, sagacidade, cordura (...) // Dá-lhe memória a mais. A que Tu tens,/ daquele jardim a leste do Paraíso. Tempo é de o servir, o pobre diabo,/ mal torcido *cursillista*, mas agradecido pela Poesia, ó Pá, mas cavaleiro por Ti *a lo divino*.<sup>9</sup>

Vários poetas maiores, companheiros de geração de Cinatti, testemunham um apreço raro pela sua figura singular, em termos humanos e poéticos. Aliás, talvez nele o que mais se distinguisse fosse justamente a indissociabilidade entre uma e outra esfera. No círculo das amizades, em que procurava, ao sabor dos seus intermitentes regressos, a envolvimento familiar que de outra forma não teria, deixou a grata memória duma personagem única. Miguel Sousa Tavares recorda-o como o mais fantástico dos poetas que visitavam a casa: “o mais fantástico era o Ruy Cinatti, que nos convenceu que era o nosso irmão mais velho, regressado de outra vida em Timor e que esteve à beira de conseguir transformar-nos em guerrilheiros contra a precária disciplina familiar”. Sophia evoca-o no poema “Tão grande dor”, face ao “pasma atento das crianças”, no chão da casa de Lisboa, encantando-os com armas e gestos de dança vindos de um mundo fabuloso. A “dedicatória a Ruy Cinatti” da 3ª edição de *Coral*,

<sup>7</sup> STILWELL. *A condição humana em Ruy Cinatti*, p. 75.

<sup>8</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 645.

<sup>9</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 649

porque neste livro  
de folha em folha passam gestos seus  
assim como de folha em folha em arvoredos  
a brisa perde ao sussurrar seus dedos,

lembra-o como mentor ou inspiração da ideia de poesia que o livro materializa.

Mas a mais impressionante homenagem será talvez a do poema “O vidente”, ainda de Sophia, seguida pelo “No aniversário do poeta”, de Jorge de Sena, que noutra lugar se referiu à língua poética que Cinatti foi construindo em permanente diálogo consigo, com o mundo e várias vozes literárias em “décadas de honestidade”. Sophia saúda Cinatti como a encarnação do poeta vidente, de acordo com a via sonhada por Rimbaud.

Vimos o mundo aceso nos seus olhos,  
E por os ter olhado nós ficámos  
Penetrados de força e de destino.

Ele deu carne à vida que sonhámos

Cinatti consubstancia em si o ideal do poeta profeta, portador de uma revelação, na tradição dos primeiros românticos (como Shelley), extremada na versão rimbaudiana, remontando as suas raízes à Grécia, mais concretamente à dimensão oracular reconhecida ao discurso poético.

Esta comovida homenagem de “O Vidente” insere curiosamente o por vezes desarticulado Cinatti (ainda nas palavras de Sena)<sup>10</sup> na linhagem de um Teixeira de Pascoaes, solene invocador, noutra chave, de outras Presenças. A síntese que Sophia faz de Cinatti empresta-lhe uma integridade radical, uma coerência e consistência a defini-lo como mensageiro de um absoluto que anuncia e transporta consigo, no “olhar azulado de visões”:

Veio dizer-nos qual a nossa raça,  
Anunciou-nos a pátria nunca vista,  
E a sua perfeição era o sinal  
De que as coisas sonhadas existiam.

Nada mais longe deste retrato que a caleidoscópica, simultaneamente torrencial e sincopada, visão de si com que Cinatti nos brinda em

---

<sup>10</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 485.

“poundianos” exercícios,<sup>11</sup> como “Contra os manifestos poéticos e outros” ou em “Os melhores anos da nossa vida (História contemporânea)”. Aí, Cinatti dá-se através de referentes muito concretos do seu quotidiano histórico (“Eu sou do fado-corrido/Londres-Lisboa-Timor./ Sofia, poesia, Agronomia, JUC, bebedeira, claridade/ nascendo em cada dia/ foram (se fosse ainda...) o meu enlevo”).<sup>12</sup> De todos os registos, de todas as matérias se alimenta este discurso, também por vezes (e por fases) colado à história nacional, aos factos políticos, de que é apontamento e comentário. Cinatti ironiza a ambição e orientação política: “E deixa de querer ser Pablo Neruda das direitas, deixa”.<sup>13</sup> A sua poesia sempre se quis totalizadora, no sentido de abrangente em relação a tudo o que releva do humano, e interveniente, em nome duma responsabilidade cívica e dignidade moral que remontam ao fundamento da manifestação poética. Não há, neste aspecto, dicotomias em Cinatti, apenas, um desenvolvimento consequente:

Desde que me afirmo poeticamente  
muitos se aproximam.

Desde que a poética desce a campo prático  
Todos se recolhem<sup>14</sup>

Mas é em “Notícia necrológica”, tributo a Ezra Pound em *Conversa de rotina*<sup>15</sup> onde podemos recolher alguns dos traços, homenageados em Pound, que descrevem igualmente, *et pour cause*, o mesmo Cinatti que tão vividamente marca a memória de poetas como Sophia ou Jorge de Sena. “Na relação básica com a escrita,/ nunca foi perito”; a dimensão político-ideológica da obra de Pound, tão incómoda para alguns dos seus admiradores literários, é também abordada por Cinatti, numa síntese original e positiva:

<sup>11</sup> MAGALHÃES. *Um pouco da morte*, p. 178.

<sup>12</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 232.

<sup>13</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 234.

<sup>14</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 616.

<sup>15</sup> CINATTI. *Obra poética*, p. 393.



Em negócios, zero (...)

Na política aleatória, mísero  
avestruz esquivo.  
Erasmita nato recusou  
honras de sempre –supositório.  
Num país de caras lentas,  
tinha uma face rápida.  
Poucos lhe entenderam  
certa perspicácia.

Os traços da *persona* poética de Pound que Cinatti mais admira são aqueles que encontramos também na sua escrita. Mas poderíamos falar sobretudo de uma afinidade primordial de carácter entre ambos, em tudo manifestada, nas escolhas de vida e de escrita, destacadas no tributo cinattiano a Pound:

Demais afeito ao ar livre  
por solitário,  
não poderia viver,  
domesticado. (...)  
De prover metáforas, na prosódia efêmera.  
O movimento perpétuo  
A sua ginástica.

Visionária e libertária, modelar no rigor científico, íntegra na abordagem confessional, a multifacetada e no entanto profundamente consequente obra de Cinatti começa hoje a merecer uma mais generalizada admiração, como a de que era alvo por um pequeno círculo de entendidos e cúmplices na aventura poética, que se tinham iniciado com ele, como ele, nos idos dos anos 40 do século passado.

Poderíamos ainda sublinhar a vertente cívica também muito (demasiado, segundo alguns...) óbvia em certos passos da sua obra, bem como a sua indefectível determinação na defesa das causas (perdidas...) de que se designou paladino. Em pura perda, portanto, e com largos prejuízos pessoais e profissionais. Até o momentâneo desatino em que a descolonização de Timor o mergulhou evocará outras emblemáticas perdas de razão. Eis Cinatti, distribuindo poesia em folhas volantes e pondo a sua diminuta audiência em bares do Bairro Alto a rezar o terço... Passamos para a esfera mítica, em que se acredita (acreditava) que a poesia, como sublime exercício, tem os seus custos; ela reclamaria, de

alguma forma, a imolação do seu sujeito. Veja-se o caso de Hölderlin, bem ciente do valor sacral do verbo poético e da sua função na *civitas*... Até nisso Cinatti atravessa a fronteira que separa a existência na sua trivial normalidade de uma outra esfera onde mito, idealização e excesso se confundem e instauram regras próprias.

No caso de Cinatti, haveria ainda que equacionar, neste percurso, a força do modelo crístico e o apelo a uma santificação *sui generis*, integradora, ecumênica, transbordante e inclusiva. Haverá uma implicação sacrificial inerente a um percurso que afina (também) por este diapasão. O apelo místico amoroso não apaga a carga marcial da figura crística, a que podemos associar as investidas cinattianas em direção à graça divina; a contrapor possivelmente a outro tipo de aproximação determinado pela figura de Nossa Senhora.

Mas estas são contas de um outro rosário. Basta-nos, para concluir esta evocação, relembrar a complexidade do sujeito cinattiano, patente na riqueza de registos que oferece na sua poesia. Ela é sempre lúcida e exigente, consistente até na manifestação do desnorte. Em virtude da assunção plena de hesitações, contradições e incapacidades, do seu desassombro e versatilidade, Cinatti revela-se um desafiante *maître à penser* para o nosso tempo. Um improvável *maître à penser*, esse homem que a si se retratou como “maduro de incerteza a vida inteira”, podemos ver também nele uma encarnação eloquente do “Ecce Homo”, o Homem das Dores, à escala da humanidade cinattiana: torturado, ciente desde muito cedo do seu pendor ou fundo lodoso, simultaneamente iniludível (em termos humanos), mas resgatável (pela graça divina).

Sua ambição foi jogar a parte precária.  
Essa a sua glória.

O ar nunca lhe chegou.  
Ci-gît

quem nunca soube.

## Referências

CINATTI, Ruy. *Obra poética*. (Org.e prefácio de Fernando Pinto do Amaral). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

CINATTI, Ruy. *Corpo santo. Uma antologia de poemas volantes*. Lisboa: Averno, 2014.

ELIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris: Gallimard, 1965.

FREITAS, Manuel de. *Posfácio a 75 Poemas*. Lisboa: Averno e Casa do Gaiato, 2014.

LOURENÇO, Eduardo. *Tempo e poesia*. Lisboa: Relógio D'Água, 1987.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. Uma visita. *O Independente*, v. 21, n. 4, III, 1989a.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Um pouco da morte*. Lisboa: Presença, 1989b.

STILWELL, Peter. *A condição humana em Ruy Cinatti*. Lisboa: Presença, 1995.

STILWELL, Peter. Entre a botânica e a literatura. A poesia de um nómada. “Ruy Cinatti, 100 anos”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XXXV, n. 1171, p.7-8, 19 ago. a 1 set. 2015.